



SUBJETIVIDADE DOCENTE E PRÁTICA PEDAGÓGICA FRENTE AO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A EXPERIÊNCIA COM A ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA INTEGRAL

Warlen Fernandes Soares¹

PARA INÍCIO DE CONVERSA:

Em minha trajetória docente muitas foram as formas que me constituíram e me constituem professora. Memórias de outros professores, discussões profícuas sobre a temática educacional, falas de alunos, o alegre contato nos corredores, tempo em Universidades e sala dos professores, compõem mudanças e permanências de um processo que mantém e alimenta a minha práxis pedagógica. Assim, alinhavo palavras e memórias no registro desta narrativa. Não sou professora sozinha, mas a soma de todos os professores e professoras que passaram em minha vida; sou professora nas inter-relações que perceptíveis ou não, caminham comigo, reside aí, a subjetividade.

Resgatar a memória (atualmente foco de estudos da neurociência), torna-se um ato tão prazeroso e envolto de sentimentos que recupera e legitima o registro das práticas cotidianas. Assim, as narrativas ajudam a drenar a dimensão da saudade e das dúvidas que este momento de isolamento social traz. A distância, circunstância frente à qual estamos, não significa ausência. Manter-se presente no contexto educacional que ora se apresenta, é para além de um desafio, uma proposta. E encontrei nas palavras o caminho para que isto ocorra.

Tão necessário quanto planejar o novo, é reconhecer o valor do que estamos propondo e executando: aulas em ambientes virtuais, contatos com as famílias, criação de novas formas de comunicação e acima de tudo, a

¹ Mestre em Educação; Especialista em Psicopedagogia e em Educação Especial; Professora na Rede Pública Municipal de Campinas-SP. E-mail: warlen_educa@hotmail.com.



empatia com os alunos e suas famílias. Cabe ressaltar que os limites do trabalho remoto impactam o trabalho pedagógico. Falta infraestrutura às famílias para garantir o acesso de crianças e adolescentes às atividades pedagógicas *online*, bem como o não acesso ao *classroom* por parte dos estudantes, foge às reais possibilidades da escola. Formamos um novo legado e deixaremos marcas na história da educação. Historicizar a nossa prática em palavras contidas em outras vozes é um movimento discursivo renovador e contém uma riqueza tão sublime que nos tornará referência. Faço um recorte para valorizar o trabalho de todas as outras vozes que embora não registrem, mantém o verbo “esperançar”, como ensina Paulo Freire (1992, p. 50), vivo.

A escola em tempos de pandemia precisa, a meu ver, valorizar e investir nos processos afetivos na relação pedagógica, e nos coloca diante da possibilidade de estimular o pensamento sobre a formação integral do sujeito. Ao buscarmos o significado desta palavra, encontramos “aquilo que ata, liga, vincula (duas ou mais coisas)”. Então, como pensar em vínculo dissociado de equidade?

TEMOS QUE DAR AULAS REMOTAS, E AGORA?

Logo que o ensino remoto emergencial foi orientado pela Secretaria Municipal de Educação, participei uma formação ‘online’ com o título acima. Muito se falou sobre aulas síncronas e assíncronas; plataformas para que as aulas fossem realizadas; ferramentas para Criação de Conteúdos Audiovisuais; Ferramentas para Trabalhos Colaborativos; Ferramentas para Criação de Mapas Mentais, dentre outros. Mas, eu havia gostado mesmo, do título!

A escrita deste processo de transitar das aulas presenciais para o ensino remoto faz parte de minha formação atual. Relacionar ensino e pesquisa neste contexto exigiu aprofundamento e compreensão de uma nova competência, bem como, um mergulho em minha própria experiência de professora. À medida que escrevo, tomo consciência de minha prática e posso revisitá-la



sempre que necessário. Nesse sentido, questionar a minha prática dialogando com outras é imperativo!

Havemos de considerar e valorizar outros espaços de aprendizagens. Os nossos alunos estão aprendendo em seus quintais, em suas calçadas e com novas experiências extramuros escolares.

Esse tempo nos convida a novas falas, a novos diálogos e a um tipo de relacionamento configurado em *pixels* (que significa aglutinação de imagens e elementos) e nem por isto, menos real. Neste sentido, a busca já é por si um encontro. Procuramos acompanhar, motivar, mediar, fomentar ações intrapessoais, ou seja, valorizar a colaboração, a troca de experiências e garantir a integração do trabalho pedagógico coletivo, para além de conteúdos e desempenhos. Entender a saudade, a distância, a falta, a presença dotada de ausência e o espaço, dentro de um 'não lugar' é uma situação emblemática, ainda mais quando nos referimos às séries iniciais do processo de escolarização, com alunos em processo de alfabetização. Assim, buscar a promoção de vínculos afetivos nestes ambientes, requer abertura à comunicação, que ocorre em especial em texto e desenhos produzidos pelas crianças.

ALFABETIZAR REMOTAMENTE?

Quando as aulas presenciais foram suspensas, em decorrência da pandemia, as crianças ainda estavam explorando seus livros, se acostumando com o cheiro do material didático, revendo temas do ano anterior, para inserção em novas propostas.

Estava naquele momento, buscando novas estratégias de trabalho para os alunos que ainda não haviam compreendido o sistema de escrita alfabético.

De repente, o silêncio! Os pátios vazios, os parques sem o barulho dos brinquedos e suas engrenagens; as luzes das salas foram apagadas. Fechei o meu armário, sem saber que demoraríamos tanto tempo para rever os colegas de trabalho e os alunos.



A grande preocupação, que inaugurou a minha angústia no ensino remoto, foi a possibilidade ou não de consolidar a alfabetização dos alunos do terceiro ano, através do ensino remoto. Embora reconheça que a escola é um meio por excelência para que o processo de leitura e escrita ocorra, necessário se faz perceber outras situações de aprendizagem e de marcas culturais nas quais as crianças estão inseridas.

Neste aspecto, as aulas via *meet*; os encontros por vídeos; as chamadas pelo *whatsapp*; os cadernos de atividades (proposta adotada pela escola onde atuo), situaram as experiências dos alunos e de suas famílias, valorizando os ambientes de interação entre aqueles que convivem.

O processo de alfabetização valorizou cenas do cotidiano, tais como: alimentação, brincadeiras, sentimentos, elementos que rememoram e valorizam os aspectos significativos da vida. A riqueza destes temas, para além do situado pelos documentos oficiais, preenche em parte o vazio que o isolamento social trouxe às nossas salas de aula.

Alfabetização é processo. E sigo investindo, contatando, apropriando-me também de novas formas de aprender a ensinar. E mais do que pensar na apropriação do sistema alfabético, é necessário deixar claro os protocolos de sobrevivência; é conectar os alunos às informações que os deixem em segurança e saudáveis.

O que será normal? Quando voltaremos presencialmente? Com que emoções retomaremos os contatos presenciais? O remoto é o normal ou é apenas o que temos para hoje? Que marcas toda esta bagagem nos deixará?

Por um tempo, seguirei indagando. Ou por muito tempo...

ENFIM, ESPAÇOS DE APRENDER

Ao longo destes meses, aproximei-me das famílias de meus alunos, sem fazer barulho; havia o cuidado para não me tornar invasiva, intrusa. Com o tempo foram chegando muitas mensagens de formas variadas (*facebook*, *whatsapp*, Google Sala de Aula), a resposta a esta demanda suscitou uma



reorganização do tempo de atendimento aos alunos, que ocorrera sempre mediante agendamento; a conciliação com os demais tempos pedagógicos (reuniões com a equipe gestora, reuniões entre pares e tempos de formação) necessitou uma reorganização do tempo para que o tempo com os alunos pudesse ter qualidade. Sugeri aos alunos que brincassem em segurança e que se possível, que aprendessem algo novo. Recebi fotos pelo 'whatsapp', de alunos que estão em outros Estados; recebi cartas, desenhos e uma mãe de aluno, em especial, me mandava louvores entoados em sua linda voz. Recebi a tudo isto como um presente precioso. Recebi também desabafos de pais e os acolhi, dentro de minha limitação. Chegaram a mim, recados de avós... doces como devem ser os seus colos. As gravações de alunos lendo e exercitando o seu papel com orgulho. Em um sábado, recebi um convite especial para jogar ROBLOX, que descobri ser o nome de uma plataforma de games 3D).

Em meio às aulas remotas, as 'pipocas pedagógicas' continuaram. Fui recebida em uma das aulas pelo Homem Aranha mirim. Os pais aproximaram-se, passavam ao fundo e acenavam. De longe alguém dizia: -'Oi prô"...! eu respondia. Conheci outros membros das famílias e muitas crianças quiseram conhecer o meu cachorro.

Em uma aula matinal, a aluna pede licença e diz: "- Vó, quero arroz!".

São as crianças o motivo de todo este movimento e envolvimento. A propulsão para enfrentarmos todos os desafios.

Estou acompanhando a turma e este será o nosso último ano juntos. É preciso que voem e conheçam outras formas de ensinar. Devido a isto, a preocupação em deixar registrado uma proposta bem efetivada e respaldada. Talvez o grande legado da pandemia para este grupo de alunos e sua professora tenha sido a responsabilidade em cumprir os combinados, mesmo virtualmente. Também pude notar que muitos adquiriram mais autonomia em relação aos estudos e que as famílias, confiaram em meu trabalho.

Dessa forma, planejei, revi conteúdos, planos e principalmente, me revi como professora. Por isto destaco que a empatia abriu espaços e consolidou



as relações para além dos muros escolares.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança** – um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 1992